

## **SOBRE O ENSINO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS A DISTÂNCIA E A AUTONOMIA DO ALUNO**

**Bruno Westermann**

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Mestrado em Música

Educação Musical

*SIMPOM: Subárea de Educação Musical*

### **Resumo**

O presente artigo, parte integrante de uma pesquisa de mestrado em andamento, pretende contextualizar o leitor no que se refere aos assuntos principais da pesquisa: educação a distância, educação musical a distância e autonomia do aluno. O artigo apresenta um breve história da EaD no Brasil, comentários sobre iniciativas de ensino de música através desta modalidade. Em seguida, é explicada a estrutura da disciplina de violão do Curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por último é apresentada uma revisão de bibliografia sobre o termo autonomia do aluno e também são feitos comentários sobre o papel deste conceito no ensino de violão a distância e particularmente, no curso de licenciatura em questão.

**Palavras-chave:** educação à distância; educação musical à distância; ensino de instrumento; autonomia do aluno.

### **1. Introdução**

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em educação musical, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), que trata do ensino de violão através da educação a distância (EaD). A pesquisa, atualmente em fase final de elaboração, tem como objetivo identificar os fatores que influenciam a autonomia do estudante de violão em um curso de licenciatura em música a distância (WESTERMANN, 2009a; WESTERMANN, 2009b).

O excerto apresentado neste artigo diz respeito à fundamentação teórica e revisão bibliográfica do trabalho já citado. Estes dois itens são apresentados através da definição do conceito de autonomia e também através da descrição de iniciativas de educação a distância no nosso país, com ênfase naquilo que já se fez nesta área em termos de educação musical. Desta forma, pretendemos contextualizar o leitor inicialmente do papel da EaD em nosso país e demonstrar que o ensino de música e de instrumentos musicais nesta modalidade de ensino não é uma novidade. Em seguida, iremos descrever como funciona a disciplina Seminário Integrador –

**I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música**

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

Violão, no curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para que o leitor seja apresentado ao contexto onde ocorre a pesquisa em questão.

Será explicada a importância da autonomia neste processo de ensino e aprendizagem, o que justifica o desenvolvimento desta pesquisa. Juntamente com esta explicação, serão colocadas as definições de diversos autores sobre autonomia e quais as definições sobre este conceito adotadas neste projeto de pesquisa.

## 2. Educação a distância no Brasil

Para que possamos situar os exemplos de ensino de música através da educação a distância no Brasil, que serão colocados mais adiante neste texto, optamos por traçar um breve panorama histórico desta modalidade em nosso país.

Os primeiros registros da EaD no Brasil datam de antes do início do século XX. Estes registros se referem a anúncios de jornal, onde professores particulares ofereciam cursos profissionalizantes de datilografia por correspondência. Apesar disso, o marco referencial desta modalidade de ensino no Brasil está ligado à instalação das Escolas Internacionais no país, em 1904. Esta instituição formal oferecia ensino por correspondência, através do envio de materiais didáticos (ALVES, 2009).

A partir da década de 1920, o rádio passou a ter papel importante no quadro da EaD nacional. São inúmeras as iniciativas de educação que envolvem este meio de comunicação, tanto no que diz respeito às instituições particulares quanto do governo federal, merecendo destaque as décadas de 1960 e 1970 (ALVES, 2009; DEL BIANCO, 2009). Neste período, os programas de educação tinham um cunho bastante popular, destinados principalmente “à alfabetização de adultos, educação supletiva e capacitação para o trabalho” (DEL BIANCO, 2009, p. 56).

Também nas décadas de 1960 e 1970 a televisão obteve muitos incentivos e até hoje existem iniciativas neste sentido. Assim como no caso do rádio, a televisão foi beneficiada por diversas medidas advindas do governo federal. Atualmente, merece destaque a iniciativa da TV Escola, também uma iniciativa do poder público, mas que depende de emissoras abertas ou canais fechados para sua difusão. Outra iniciativa bastante conhecida e até hoje em vigência é a dos Telecursos (ALVES, 2009).

A partir da década de 1990, com a popularização dos computadores e em seguida da internet, a EaD sofreu muitas mudanças não somente no Brasil mas em todo o mundo. A educação online trouxe consigo muitas possibilidades que, até bem pouco tempo atrás, eram impensáveis considerando os tipos de ferramentas disponíveis. Os ambientes virtuais atualmente possibilitam



acesso a ampla quantidade de informação e possibilidades de interação e comunicação rápidas entre pessoas geograficamente muito distantes. Tais fatos fazem com que muitos conceitos já amplamente discutidos e defendidos na área da educação sejam realmente colocados em prática e até, muitas vezes, necessários aos alunos para um bom aproveitamento desta modalidade de ensino.

### 3. Educação musical a distância e o ensino de instrumentos musicais

Em música, podemos identificar algumas iniciativas que estão inseridas neste breve panorama da EaD no Brasil. Alguns dos exemplos dados dizem respeito exclusivamente ao ensino de instrumento e isto se explica por ser este o foco desta pesquisa.

No que se refere ao ensino por correspondência, temos como exemplo o curso de violão do Instituto Universal Brasileiro (IUB). Esta instituição, criada na década de 1940 e em atividade até os dias de hoje, tem como objetivo dar formação profissional básica através de cursos por correspondência (ALVES, 2009). Através do envio de fascículos impressos e de exemplos em áudio e vídeo (VHS, DVD, fita cassete ou CD), o curso é destinado para iniciantes no instrumento e trabalha principalmente com técnicas de execução de música popular (IUB, 2010). Os alunos contam com estrutura de atendimento também por correspondência, onde dúvidas são encaminhadas para a sede do curso, e profissionais se encarregam de respondê-las e enviá-las de volta aos alunos.

Outro exemplo de iniciativa de ensino de música através da EaD pode ser encontrada nos materiais *Telecurso (1º grau, 2000, Novo Telecurso)*. Veiculados em canais de TV aberta e de cunho comercial desde a década de 1970, o objetivo do programa é oferecer formação básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) para pessoas que por algum motivo não tiveram a oportunidade de completar seus estudos (NOVO TELECURSO, 2010). A iniciativa não possui nenhum tipo de curso exclusivamente voltado para a música, mas oferece a música como uma das disciplinas do Ensino Médio. Atualmente, é possível acessar essas aulas de música pelo YouTube.

Outras iniciativas são os cursos online de instrumentos oferecidos por escolas particulares de música. São muitos os exemplos de programas que oferecem material online restrito, acessível mediante pagamento, ou livre. Alguns destes cursos contam com estrutura de atendimento ao aluno, realizada através de softwares de mensagem instantânea (MSN), por profissionais de plantão, que estão disponíveis em diversos horários. Esta estrutura é bastante parecida com aquela utilizada pelos cursos por correspondência.

Os exemplos citados acima são de cursos a distância programados por uma instituição, que prevê desde a formulação dos materiais pedagógicos até sua aplicação, acompanhamento do processo de aprendizagem (opcional ou não) e avaliação, quando for o caso. Entretanto, na nossa



área podemos identificar materiais pedagógicos que, pela sua natureza, podem ser considerados também como educação a distância, mesmo não se enquadrando como cursos programados. Como exemplo, temos as revistas de cifras, vídeo-aulas e sites de cifras.

As “revistinhas de cifras”, amplamente populares entre os iniciantes no instrumento antes da popularização da internet, continham além das próprias músicas cifradas diversas dicas e explicações de técnica do instrumento e de teoria musical. Com o passar dos anos, este tipo de iniciativa passou a contar com o auxílio de VHS e DVDs ilustrativos e, até hoje, é possível encontrar este tipo de material em bancas de revista.

As vídeo-aulas de instrumentos musicais, vendidas em lojas especializadas de instrumentos musicais possuem um lugar bastante importante na formação de músicos amadores e, em muitos casos, até profissionais. Com o advento da internet, muitas destas vídeo-aulas de músicos famosos se tiveram seu conteúdo disponibilizado na internet (legal ou ilegalmente) e, atualmente, muitos instrumentistas (profissionais e amadores) acabaram por lançar suas vídeo aulas diretamente na internet.

Atualmente, talvez a principal fonte de conteúdo voltado para instrumentos musicais (principalmente em música popular) sejam os sites de cifras. Inicialmente servindo somente como repositório de letras de músicas cifradas, atualmente já existem exemplos de sites que disponibilizam músicas registradas em sistemas mais complexos de notação (partituras e tablaturas), vídeos ilustrativos e vídeo-aulas sobre as músicas disponibilizadas. Os sites oferecem ainda espaços para aulas (em texto ou vídeo) sobre questões técnicas dos instrumentos e teoria musical, além de fóruns de discussões onde os usuários se comunicam uns com os outros. Este tipo de site é amplamente utilizado por jovens, tanto como complemento para aulas de violão presenciais como única fonte de materiais instrucionais para o estudo do instrumento e de questões teóricas em música.

Apesar de não estarem inseridos em um programa específico — ou seja, não caracterizam um curso a distância — estes materiais são formulados por um professor e utilizados por alunos que buscam aprender algo. Por este motivo podem ser caracterizados como educação a distância. A principal diferença aqui está no fato de que, nestes casos, não existe interação entre professor e aluno e este último possui autonomia total em seu processo de aprendizagem. Esta reflexão sobre a natureza destes materiais pedagógicos e a sua caracterização como ações de EaD foi embasadas em Gohn (2010), especialmente no capítulo que trata de definições sobre educação a distância.

### *3.1 Modelo de ensino de violão a distância em nível de graduação*

O modelo de ensino de violão adotado pelo curso de Licenciatura em Música a Distância da UFRGS possui muitas características em comum com tudo o que foi citado, principalmente no que se refere à elaboração dos materiais instrucionais. No texto que segue, será descrito como são estes materiais instrucionais do curso e, principalmente, a estrutura de atendimento dos alunos nesta proposta.

Os materiais instrucionais deste curso são disponibilizados totalmente através da internet, e são compostos por textos explicativos recheados de vídeos, áudios, partituras e fotografias que ilustram o que está escrito. A cada semana, um material novo — que representa uma aula a distância sobre um determinado conteúdo — é disponibilizado aos alunos.

Os conteúdos destes materiais são organizados de tal forma que seja possível cada aluno escolher o que vão trabalhar de acordo com o nível em que estão no instrumento. A cada semestre, o material possui um eixo central de conteúdos principais (repertório de violão solo e de acompanhamento, principalmente) e opções de substituição para estes conteúdos principais. Além disso, são dadas aos alunos referências externas ao material proposto, como livros, sites e diversos outros materiais que se acredita que possam ser de muita valia para o processo de aprendizagem dos alunos.

Ao contrário de outras disciplinas do curso, onde o acompanhamento dos alunos pode ser realizado tanto presencialmente quanto a distância, no caso do instrumento isto é ainda complicado. Nos pólos onde funciona o curso, existem profissionais especialistas nos instrumentos que realizam o acompanhamento presencial do desenvolvimento destes alunos. A este profissional — o tutor — cabe o trabalho de acompanhar o estudo que deve ser realizado pelo aluno de forma autônoma, através da interação com os materiais instrucionais já citados. Os alunos também são estimulados a frequentarem o pólo periodicamente e realizarem as atividades de estudo de instrumento e execução de peças em conjunto com seus colegas.

O professor de violão do curso e os tutores a distância também acompanham o desenvolvimento destes alunos, através da realização de gravações periódicas (3 por semestre) onde os alunos tocam o repertório que estão desenvolvendo no momento. Estas gravações servem como avaliação e recebem pareceres escritos, comentando problemas técnicos, interpretativos e musicais.

Além de todas estas formas de interação, alunos, professores e tutores estão sempre em contato através de fóruns na internet, promovidos pelo próprio curso na plataforma de ensino onde funciona. Lá, os alunos também costumam discutir seus problemas, postar dúvidas gerais e ter contato com os colegas de outros pólos. Este espaço é bastante rico, pois as discussões que ocorrem lá possuem um alcance muito grande, por este espaço ser frequentado por praticamente todos os alunos de instrumento do curso.



A realização do atendimento de instrumento realizado totalmente a distância ainda é inviável no contexto deste curso, pois ele acarreta uma quantidade maior de profissionais e, principalmente, tecnologia não disponível em muitos lugares onde o curso ocorre (internet com conexão rápida, webcams de alta resolução). Entretanto, pesquisas já realizadas indicam que este acompanhamento pode ser feito na sua maioria de forma a distância quando se dispõe deste tipo de tecnologia. A proposta de curso de violão realizada por Braga (2008) e descrita em sua pesquisa de doutorado nos mostra que esta é uma possibilidade bastante plausível, desde que tecnologias para isso estejam disponíveis.

Como se pode perceber, esta estrutura de ensino dá ao aluno uma grande responsabilidade sobre o seu próprio estudo e aprendizagem, pois cabe a ele a escolha do conteúdo a ser trabalhado de acordo com as suas necessidades e possibilidades, a organização do próprio estudo e o acompanhamento dos conteúdos propostos. Entretanto, o que se viu desde o início do curso, foi que nem todos os alunos tinham esta capacidade desenvolvida e isso gerou uma defasagem na aprendizagem de muitos alunos em relação ao que o curso previa. É neste contexto que esta pesquisa se insere, tentando encontrar os fatores que influenciam a presença ou ausência de comportamentos autônomos nos alunos deste curso e, conseqüentemente, propor soluções para estes problemas. No restante deste texto, vamos apresentar uma revisão de bibliografia sobre o conceito de autonomia e também iremos deixar claro o que este conceito representa neste trabalho.

#### **4. A autonomia do aluno**

Nosso referencial teórico buscou autores que convergissem na idéia do aluno como sujeito ativo de seu aprendizado e do professor como um parceiro na construção do conhecimento, seja no ensino tradicional, seja na educação a distância. A partir desta perspectiva, consideramos o conceito de autonomia do aluno um dos fatores que contribuem para este tipo de processo de ensino e aprendizagem.

O significado etimológico da palavra autonomia, segundo Preti (2005), vem da Grécia antiga, onde a palavra se referia à independência e não subjugação das cidades a algum tipo de soberano. Atualmente, a definição de autonomia é complexa e depende do contexto onde está inserida e a partir de quais dimensões ela será analisada. Neste trabalho, a definição de autonomia é centrada no aluno, sob o ponto de vista das teorias da educação e, principalmente, da educação a distância. A idéia do que significa autonomia na prática também está fundamentada na experiência deste pesquisador na prática de ensino de instrumento a distância.

Freire (1996) também estabelece que a autonomia é a capacidade que o aluno demonstra de decidir, de escolher seus objetivos, suas formas de estudo e as relações que faz daquilo que já sabe

com o conteúdo novo. Segundo Freire, a autonomia é fruto do exercício da responsabilidade (1996). A partir do momento em que é dada a responsabilidade ao aluno de acessar materiais didáticos, estudá-los, compreendê-los, exercitá-los, buscar ajuda para dúvidas existentes, como acontece em um curso EaD, a autonomia vai sendo exigida e forçada a se desenvolver. Quando isto não acontece, pode ocorrer que o estudante fique em débito com seus compromissos escolares. O papel do professor é indicar os limites desta liberdade, pois em um processo de ensino ela estará vinculada aos limites propostos pelo programa educacional (FREIRE, 1996).

O conceito de autonomia do aluno na obra do autor alemão Otto Peters (2006, 2009) está sempre ligado ao conceito de estudo auto-dirigido. Segundo o autor, significa que o aluno deve assumir alguns papéis que, no ensino tradicional, cabem ao professor. Para, o estudo autônomo acontece quando os próprios alunos

(...) reconhecem suas necessidades de estudo, formulam objetivos para o estudo, selecionam conteúdos, projetam estratégias de estudo, arranjam materiais e meios didáticos, identificam fontes humanas e materiais adicionais e fazem uso delas, bem como quando eles próprios organizam, dirigem, controlam e avaliam o processo de aprendizagem. (PETERS, 2006, p.95)

Ainda segundo este autor, no modelo de aluno autônomo o professor deixa a função de apresentar de forma expositiva conteúdos que supostamente são de interesse do aluno. Os professores aqui funcionam como “orientadores pessoais e individuais, facilitadores” (2009, p. 79), aos quais cabe discutir, negociar e planejar com os alunos os objetivos e conteúdos propostos pelo próprio estudante (PETERS, 2009).

Ainda segundo este autor, os espaços virtuais são muito mais propícios para a aprendizagem autônoma do que os espaços *reais*, pois possibilitam que os alunos busquem informações nas mais variadas fontes a qualquer tempo e também. Outra razão, bastante destacada é a questão de que nestes ambientes virtuais, os alunos podem ser ativos não sendo supervisionados todo o tempo por professores e colegas (PETERS, 2009). Estes ambientes, bem como os cursos EaD em geral, deve ter estrutura bastante flexível, pois só assim o aluno poderá realmente controlar e decidir seus objetivos de aprendizagem. Desta forma, o estudo se torna individualizado, como o é de fato (PETERS, 2009).

Dentre os enfoques que Peters dá para a compreensão da autonomia do aluno, destacamos o conceito de *metacognição*. Este conceito é oriundo da psicologia e, neste caso, pode ser compreendido como o conhecimento necessário ao aluno para que ele observe e avalie sua própria aprendizagem,

regule e controle sua cognição (PETERS, 2009, p.201). Neste caso, o propósito de avaliar não é o de mensurar, mas sim, de se elucidar o próprio processo de estudo e desenvolvimento.

Acreditamos que a questão da metacognição pontada por Peters vem ao encontro do que propõe Schon (2000), quando coloca a necessidade de se formar um profissional reflexivo sobre o próprio trabalho e a própria atuação. A reflexão sobre as próprias ações e a tomada de decisões sobre o próprio aprendizado só é possível quando este aluno consegue identificar em si mesmo dificuldades, limitações e habilidades. Para isso, a *reflexão na ação*, conceito definido por Schön como a capacidade de refletir enquanto está se realizando a ação e tentar resolver os problemas em tempo real, no espaço de tempo onde a ação está ocorrendo, são considerados essenciais para que se desenvolva a capacidade de autonomia. O estímulo e a orientação à autocrítica e a auto-avaliação também fazem parte do papel do professor (SCHÖN, 2000). Acreditamos que os trabalhos de ambos os autores são complementares neste sentido.

Fechamos o quadro teórico sobre autonomia referente a este trabalho com Moore e Kearsley (2007). Para estes autores, a autonomia do aluno está relacionada com a capacidade do estudante de tomar decisões sobre sua aprendizagem. Estes autores acreditam que o nível de autonomia que um curso permite a seus alunos está diretamente ligado à capacidade que estes têm de desenvolver planos de aprendizado pessoal, de encontrar recursos para este aprendizado e de avaliar se aquilo que desenvolveram foi satisfatório ou não (MOORE; KEARSLEY, 2007)

É necessário salientar que se tenha cuidado ao abordar a questão da autonomia do aluno. Em muitos casos, é dito que o aluno de EaD deve ser autônomo ou construir sua autonomia, mas é deixada de lado a razão pela qual este aluno deve desenvolver esta competência (PRETI, 2008). Acreditamos que a autonomia do aluno não somente é uma possibilidade necessária, que está de acordo com as necessidades da sociedade atual e, conseqüentemente, do mercado de trabalho. Na educação a distância mediada por ferramentas tecnológicas, a principal função da autonomia do aluno é a de permitir que o conhecimento construído por este indivíduo não se resuma às proposições feitas pelo professor da disciplina e pelos materiais desenvolvidos. A autonomia serve para que o aluno vá além, que utilize a imensidão de informações disponíveis atualmente para enriquecer suas possibilidades de conhecimento. E é justamente por isto que se torna necessário aprender a refletir sobre a própria aprendizagem, para que seja possível identificar se as informações obtidas são úteis e válidas.

## 5. Referências bibliográficas

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In.: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BRAGA, Paulo D. A. Oficina de violão a distância: estrutura de ensino e padrões de interação em um curso mediado por computador. 2008. 234 f. Tese (Doutorado em Música) Programa de Pós Graduação em Música – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DEL BIANCO, Nelia R. Aprendizagem por rádio. In.: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 39ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Daniel. Educação Musical a Distância: propostas para o ensino e aprendizagem de percussão. 2009. 191 f. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO (IUB). Curso de Violão a Distância. Desenvolvido pelo Instituto Universal Brasileiro. Apresenta o curso de violão a distância desta instituição. Disponível em: < <http://tinyurl.com/23fds2b>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. Educação a Distância: uma visão integrada. Tradução por Roberto Galman. São Paulo: Thomson, 2007.

NOVO TELECURSO. Histórico do Telecurso. Desenvolvido por Fundação Roberto Marinho, FIESP, SESI, SENAI, IRS. Disponível em: <<http://tinyurl.com/2f9r8ab>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

PETERS, Otto. Didática do ensino a distância: Experiências e estágios da discussão numa visão internacional. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

PETERS, Otto. Educação a Distância em Transição: Tendências e desafios. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

PRETI, Oreste. A "Autonomia" do estudante na educação a distância: Entre concepções, desejos, normatizações e práticas. In: Preti, Oreste (Ed.). Educação a Distância: Sobre discursos e práticas. Brasília: Liber Livro Editor, 2005.

SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WESTERMANN, Bruno. A autonomia no estudo de violão através da educação a distância. In: VIII Encontro Regional da ABEM Nordeste. 2009, Mossoró. Anais...Mossoró, 2009a. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Autonomia do aluno na Educação Musical a Distância. In: XVIII Congresso da ABEM. 2009, Londrina. Anais...Londrina, 2009b. 1 CD-ROM.

